

Intoxicação narcísica: uma psicopatologia a serviço da crise ambiental.

Fausto Antonio de Azevedo

Farmacêutico-Bioquímico, USP; Especialista em Saúde Pública, USP; Mestre em Análises Toxicológicas USP; ex-Coordenador de Toxicologia da CETESB-SP; ex-Professor Titular de Toxicologia da PUC-Campinas; ex-Diretor Geral do Centro de Recursos Ambientais CRA-BA; ex-Gerente de Vigilância Sanitária da Secretaria da Saúde-BA; ex-Presidente do CEPED-BA, ex-Subsecretário do Planejamento, Ciência e Tecnologia do Estado da Bahia, ex-Superintendente de Planejamento Estratégico do Estado da Bahia. Professor e co-Coordenador do curso de pós-graduação em Ciências Toxicológicas das Faculdades Oswaldo Cruz, São Paulo. Diretor da Intertox.

Vivemos a perda; vivemos o corte; vivemos a separação, a subtração; *vivemos a castração* – e quando esta não é bem *resolvida* na formação de nosso aparelho psíquico, corremos o risco de adquirir – para conviver – diversas (e sérias) psicopatologias. Separamo-nos do útero materno no nascimento; separamo-nos dos pais (?) no Édipo; separamo-nos da família na adolescência (para que possamos ser outro) – separamo-nos de nós em cada perda (ainda elas sirvam, ao menos isso, para nos projetar no fundo de nós mesmos, à busca do entendimento...). Para viver, sobrevive aquele que aceita a castração. Viver é exaltar a própria castração – e, assim, que o ideal possa ser então, pelo menos, o de uma bela voz, como nos *castrati* (há um perigo nessa afirmação).

Todavia, a saga das perdas não cessa aí, pelos percursos de nossa interioridade: devemos contabilizar ainda aquelas que acontecem no ambiente de ‘nossa’ exterioridade. Escreveu Solange Farkas na Apresentação da exposição *Isaac Juliene: Geopoéticas*ⁱ:

Desaparecimentos ecoam como perdas inestimáveis em nós. A percepção de que povos, línguas, animais, paisagens, valores, modos de vida e identidades naturais estejam, aos poucos, sumindo (ou se tornando invisíveis) amplia nossas sensações de que algum empobrecimento em nossa humanidade sorrateiramente se instala em nosso espírito.

Registrar o que não pode mais existir por si, como um indício vital do poder da alteridade, ou está imperceptível aos olhos de muitos, numa cegueira social apagando as sensíveis invisibilidades do que nos é essencialmente subjetivo, é também função da arte. É nela que, ao propiciar o reconhecimento de maneiras distintas de ver e de se colocar no mundo, configurando um traço distintivo da experiência humana, descobrimos uma seara aberta às possibilidades de encontros e à promoção de diálogos.

Perdemos fora, o tempo todo também, e o interessante no parágrafo acima é a autora introduzir a dimensão da Estética como registro do já inexistente no mundo objetivo de cada qual (campo objetivo do *mim eu*) e, quiçá, como um antídoto à dor mais aguda, uma forma de compensação nostálgica talvez. Lembramo-nos aqui do filósofo Henry Bergson, que em suas palavras nos adverte de que a necessidade prática de atender à sobrevivência está posta em todos nós; trata-se de uma disposição humana natural, biológica segundo a teoria da evolução. A Filosofia busca explicar o porquê das categorias que possibilitaram a sobrevivência. Bergson trará a questão da intuiçãoⁱⁱ, que seria anterior às categorias e poderia nos colocar em contato direto com aquela necessidade. Para ele, no entanto, há duas

AZEVEDO, Fausto Antonio de. Intoxicação narcísica: uma psicopatologia a serviço da crise ambiental. *RevInter Revista Intertox de Toxicologia, Risco Ambiental e Sociedade*, v. 6, n. 1, p. 102-114, fev. 2013.

importantes exceções, em relação à grande maioria das pessoas, quanto à forma geral de como vemos e entendemos a realidade: o artista e o místico: o artista vê o mundo de forma diferente dos demais, de uma forma não racional, emocional, estética, intuitiva. Qual o grau de coincidência entre essa (nossa) intuição e as forças e dinâmicas que operam em nosso inconsciente: aí está um terreno a ser explorado.

Françoise Doltoⁱⁱⁱ, no Prefácio da fundamental obra de Maud Mannoni, *A primeira entrevista em Psicanálise*, aborda tudo o que compõe a Psicanálise e sua técnica. Escreve ela que sua intenção no texto foi desenvolver questões essenciais aportadas pelo livro, como: (i) *Especificidade da Psicanálise*; (ii) *Especificidade do psicanalista clínico*; (iii) *As relações dinâmicas inconscientes pais-filhos, o seu valor estruturante sadio ou patogênico*; (iv) *A profilaxia mental de relações familiares patogênicas*; (v) *Substituição dos papéis na situação triangular pai-mãe-filho*; (vi) *O complexo de Édipo e sua resolução. Patogenia ou profilaxia mental dos seus distúrbios*; (vii) *A sociedade (a escola). O seu papel patogênico ou profilático*. Sigo com ela, construindo um paralelismo entre sua escrita e minha preocupação *psico-ambiental*.

1. Na *Especificidade da Psicanálise* um ponto, dentre os muitos, prende minha atenção. Diz a autora:

(...) A Psicanálise é e continua a ser o ponto de impacto de um humanismo que se vem enriquecendo desde Freud com a descoberta de processos inconscientes agindo sem que o sujeito o saiba e limitando a sua liberdade. Esses processos inconscientes fortalecem-se muitas vezes com o fato de que criam raízes em processos primordiais da eclosão da personalidade, ela mesma sustentada pela função da linguagem, modo de relação inter-humano axial à organização da pessoa humana.

Curioso pensarmos a Psicanálise como um humanismo, não que não o seja, mas porque uma vez que ela deu à luz o inconsciente e mostrou que este “age sem que o sujeito o saiba e limita sua liberdade”, constata-se que aquela presunção humanista que colocava os humanos na posição idealizada principal de uma escala de importância em relação a tudo, como que donos de sua vontade e liberdade, cai por terra. Cai por terra, inclusive, o mito da racionalidade porque, se bem tenhamos de fato a capacidade racional que nos distingue dos demais, portamos também um *irracional* inadministrável representado pelo inconsciente. Mesmo o significado filosófico essencial da palavra humanismo, de contraposição ao apelo ao sobrenatural ou a uma autoridade superior, fica maculado, haja vista que há nesse inconsciente qualquer coisa que se assemelha a um sobrenatural, ao tempo em que ele não deixa de atuar sobre nós qual fosse uma autoridade superior.

Talvez venha a calhar uma referência a Gaston Bachelard e seu livro *O novo espírito científico*^{iv} [*Le nouvel esprit scientifique* (1934)]. O contexto é o da revolução científica promovida em 1905 pela Teoria da Relatividade de Einstein. O trabalho de Bachelard foi estudar o significado epistemológico desta ciência então nascente, para dar a ela uma filosofia compatível com a sua novidade. É partindo deste objetivo que ele formula suas principais proposições para a filosofia das ciências: a historicidade da epistemologia e a relatividade do objeto. Em resumo, a nova ciência relativista rompe com as ciências anteriores em termos epistemológicos e a sua metodologia já não pode ser empirista, pois seu objeto encontra-se em relação, e não é mais absoluto. Isso se aplica à Psicanálise como ciência, desejo tão caro para Freud: o de estabelecer sua descoberta no campo científico.

Bem, desinflar nosso narcisismo humanista, instalando em nós próprios uma “zona obscura” (portanto uma zona ainda não *iluminada*), somente acessível, e por mercê de muito trabalho, pela Psicanálise e, ao mesmo tempo, questionar o paradigma científico do absoluto (imperante desde Descartes e Hume) por conta da relativização do objeto, acaba por nos trazer algum alento para que possamos ousar assumir uma postura mais humilde e necessária no nosso relacionamento com a Natureza. Já nem somos aquele que pode/deve dominar a Natureza (fórmula baconiana) nem somos aquele para quem conhecer é medir e quantificar (cânone de Galileu): quem mede o inconsciente? Quem quantifica, de fato, as relações ecológicas?

2. Em *A especificidade do psicanalista clínico, a sua escuta* vou buscar a idéia de que a Psicanálise é um método de dizer tudo a quem tudo escuta. Esta frase aparentemente simples reúne, de fato, duas dimensões gigantescas: de um lado aquele que diz e que é uma subjetividade, uma singularidade (o paciente, psicanalisando, analisando, analisante) e de outro lado aquele que escuta – e que é outra subjetividade, outra singularidade (o analista, psicanalista).

Vale a pena invocar aqui o que Emmanuel Lévinas nos ensina a respeito do *dito* e do *dizer*^v. O dito é a linguagem já bem definida, consolidada, e o dizer, é o ato da fala, com a linguagem se constituindo (enquanto se fala). No dizer há o elemento constituinte da linguagem e é nele que a linguagem se faz, se cria, cria significações. Gênese da significação: há uma relação estreita entre intersubjetividade e fala. Disso tudo surgirá a inter-locação. Assim, o “dito” se opõe ao “dizer”, o que mantém analogia com o ser e o processo, velho binômio de toda a filosofia. No caso da linguagem, Lévinas procura opor o dito (que é a linguagem como que totalizada) à palavra em ato, que é o dizer. Entende que nunca deveríamos adotar o discurso (que é a fala cristalizada), mas sim dizer que o dizer está em curso. Para ele, a fala em curso com o outro é a resposta (responder, co-responder) àquele cuja simples presença/existência me

interpela/suscita; enfim, é a responsabilidade [estar diante do outro sempre respondendo, falando; o silêncio é para estar diante de Deus (retorno a Descartes); estar diante do *outro* é falar. O analisando fala e precisa ser escutado desde a dimensão do dizer e não do dito. Enquanto fala ele se mostra, se constrói num dizer vivo e, assim, legitima a presença/existência do outro, o analista. Este (que por óbvio também fala, e deve falar, mas “do lugar” do analista, porque se não falasse em absoluto não constituiria o outro e então não haveria análise) tem para si reservado – mais do que tudo e do que para todos – o papel da escuta. A habilidade da escuta. A perícia da escuta. E isto é algo que precisa ser desenvolvido e permanentemente aperfeiçoado.

Mas não podemos ficar nisso, como se o processo só existisse nos limites desses dois pólos, materializados por dois seres humanos em *interação*. Mais importante é o intangível que está no ar, que circula entre ambos e que é sustentado pela linguagem, pela fala, pelo dizer do analisando. Este intangível pode ser esquematizado pelo binômio interativo dizer-escutar. A psicanálise, deveras, trata de um corpo trazido pela palavra: quando o bebê vem ao mundo ele já foi precedido pela palavra, e a isso o psicanalista não pode acrescentar um novo dizer. A interpretação (do analista) não acrescenta, ele deve apenas abrir a via para que o dizer do analisando continue, prospere.

Falamos porque disso temos necessidade e desejo. Escutamos porque amamos. Quem não sabe falar pode não existir. Quem não sabe amar não consegue escutar. Nesse aspecto a tarefa do psicanalista é a de um apostolado vocacional do amor. Amor ao próximo. Amor ao outro, ao verdadeiramente outro, um *outro* sim, mas inteiro, total e definitivo, no sentido levinasiano.

Transporto tais comentários para a (minha) causa ambiental. De um lado estamos todos nós, duplamente assinalados, como psicanalistas e como psicanalisandos. Do outro lado, o planeta, a casa (única), a morada não conquistada – mas recebida, aquela que tanto é mãe de todos quanto agora se tornou filha diante da capacidade de intervenção/transformação/destruição que conquistamos. Quem fala e quem escuta? Desde pronto, muito claramente podemos perceber que ela está a falar, mas nós (como coletivo) nada estamos a escutar! Há que se ter vontade honesta de escutar, não interpretar, não interferir, não reconduzir a história do outro: é o outro que tem a dizer, é de sua singularidade o que temos a ouvir para aprender. Nossos dispositivos interiores não apreenderam o outro antes, como um conhecimento *a priori*, para que possamos sabê-lo sem ouvi-lo, diagnosticá-lo sem escutá-lo, identificado ele a nós. No entanto, se fôssemos o psicanalista do Planeta desde há muito já teríamos perpetrado a mais grave falta de ética, posto que não o escutamos, não sabemos como

escutá-lo, parece mesmo que não queremos escutá-lo. E o mais interessante, repita-se, é que a história é só dele – nós não a temos; a narrativa é dele, o fenômeno é dele, a estrutura é dele, o *setting* é dele (até isso!), o sofrimento real que ele ostenta hoje é dele, porém continuamos a agir como se nada estivesse a acontecer. Portanto, do ponto de vista moral, estamos cometendo um crime; do ponto de vista ético, comprovamos cabal insensibilidade, e do ponto de vista diagnóstico, o que me parece é tratar-se de um quadro psicótico delirante (o do suposto psicanalista), uma vez que parecemos ver uma realidade cor-de-rosa que, se existiu, já não existe. Mas nessa nossa relação com a Terra podemos nos ver também no lugar do analisando, ela a eterna analista. E aí o que se passa? Bem, assumindo como bastante razoável, quase certo, que temos todos nossa psicopatologia de cada qual, não conseguimos nos tratar pelo simples fato de que não sabemos realizar a transferência. Tão intoxicados de nossa presunção racional vamos, tão afetados por nosso narcisismo específico – iluminista e cientificista, tão superiores à essência de nossa própria origem, tão artificializados em relação à nossa própria substância, que já não nos cabe mais a transferência: iluminamos os porões da mente e nada resta a transferir...
Dolto ensina:

A transferência é a relação imaginária, ao mesmo tempo consciente e inconsciente, do psicanalisado solicitante em face do psicanalista testemunha, que não responde e aceita os efeitos da história do sujeito que subsistem através de seus infortúnios patogênicos. Essa transferência é o meio específico do tratamento psicanalítico. A sua instalação, a sua evolução e o seu desaparecimento final constituem a característica de cada tratamento.

Relação imaginária lê-se acima. Definitivamente não creio que o ser humano hoje, em seu comportamento total, perceba ter ou estabeleça qualquer relação imaginária, ou mesmo imagine qualquer relação com seu planeta. E sem a relação imaginária não há transferência que se sustente. E sem transferência não voltam as cenas mais primitivas e marcantes da infância, da formação, os traços *mnemos* definidores que poderão surgir na livre associação, nos atos falhos, e o psicanalista de escuta atenta não os deixará escapar. Contudo, nessa minha desmesurada analogia, seria possível darmos asas à imaginação e pensar: muito bem, admitamos que a humanidade nasceu no/do planeta, num parto dado pela evolução natural, saiu assim de um cômodo útero potencial para a realidade sofrida de uma terra de frio e calor, seca e dilúvio, promessas mas trabalho, e depois disso evoluiu em direção à sua adolescência, desenvolvendo um modo de ser científico que quase a libertou de sua família... quase... Mas aí se deu uma contradição porque, de fato, ficamos na vontade e no comportamento da liberdade, da ruptura em relação à família original, mas não a praticamos jamais, pois nunca fomos morar em outra casa... Quando iremos? Que tal

Marte, ou Júpiter glorioso? Restamos por parecer esses “jovens” de agora, algo como yuppies morando na casa dos pais.

Enfim, o desejável, e já a tempo, é que, inspirados no trabalho do psicanalista, possamos passar a ouvir o planeta em suas falas, suas dores, suas crises (como a climática), suas perdas definitivas (como a extinção de espécies), suas repetições (como os furacões), suas somatizações (como a desertificação) e busquemos, com intervenções sutis e precisas, vivamente interessados que estamos na cura, auxiliá-lo a reencontrar seu caminho sem titubeios e desvios. E motivados pelo esforço do paciente consciente, consigamos nos anelar à Terra, transferindo-lhe, simbolicamente, nossos desejos mais intensos de vida e de prazer, mas o prazer que decorre da comunhão entre iguais e não da usurpação do que não é nosso.

3. Em *As relações dinâmicas inconscientes pais-filhos, o seu valor estruturante sadio ou patogênico*, logo ao primeiro parágrafo tem-se a frase “Naquele ponto em que a linguagem termina, é o comportamento que continua a falar, e quando se trata de crianças perturbadas, é a criança que, pelos seus sintomas, encarna e presentifica as conseqüências de um conflito vivo, familiar ou conjugal, camuflado e aceito por seus pais.” O comportamento fala! Nunca soubemos entender, realmente falando, a linguagem do planeta. Talvez apenas os artistas e os místicos a tenham pressentido. A Ciência tem tentado explicá-la, o que é bastante diferente de entender. Restou a ele, então, o comportamento. E o comportamento ambiental tem falado muito nas últimas décadas, basta que acompanhem todas as publicações sérias e críveis das próprias... ciências! Em particular, as ciências ambientais. As referências vão aos milhares! Comportamento aqui equivale a sintomas. É isso o que o planeta tem evidenciado. E qual terá sido o conflito vivo, familiar ou conjugal, camuflado e aceito por seus pais? Ocorre pensar que o planeta de hoje, século XXI, não é mais, por óbvio, o de antes da chegada do primeiríssimo representante dos *Homo sapiens*. Esse que temos hoje parece o rebento incestuoso do acasalamento entre uma Mãe Terra e o gênero Homo. E o incesto, como era de se esperar, traumatizou, deixou marcas profundas não superadas, que agora se sintomatizam nos desequilíbrios ambientais. Houve a mácula do incesto, mas houve também, sem dúvida, a violência de uma deseducação praticada pelo pai Homo, que, no auge de sua prepotência, foi autoritário e tirânico, explorando ao máximo a criança a quem gerara.

4. No final do último parágrafo de *A profilaxia mental de relações familiares patogênicas* – Dolto se refere ao dano que pode sobrevir do não-dito, os acontecimentos realmente acontecidos que envolvem a criança e sua história, mas que passam não revelados, camuflados, desditos, isto é, “todas as situações em que a criança é envolvida e cuja divulgação lhe é interdita ou, pior ainda, cuja realidade lhe é escondida, os quais, não obstante, ela

sofre...” Pela falta de palavras (dos pais ou dos que ocupam a imago parental) a criança é posta fora de sua própria história, é *despertencida* de si, de sua autenticidade, de sua veracidade. O erro reside em ocultar a verdade, seja por temor e miopia, seja por uma suposta e inadequada atitude de “proteção”. Pois eis o que nós fazemos, como sociedade humana, na insistente e inexplicável ocultação da verdade sobre nossa história no planeta. Dolto dizia: “Assim ocorre com os acidentes, mortes, doenças, crises de cólera, de embriaguez, destemperos da conduta que provocam a intervenção da justiça, cenas domésticas, separações, divórcios...”, todo um inventário de possibilidades negativas, mas completamente reais, que podem atingir a vida de qualquer um de nós. Digo eu: assim ocorrem no planeta, dentre outros, desmatamentos, desertificações, erosões, contaminações químicas, contaminações radiativas, chuvas ácidas, efeito estufa, mudanças climáticas, elevação da temperatura, degelos, mortandades, extinções de espécies, todo um real inventário de danos ambientais que têm relação, mais ou menos intensa, com as atividades antrópicas, mas disso não se fala na grande platéia mundial, isso é ocultado, distorcido, minimizado (às vezes, em que pese o absurdo e a insensatez, até ridicularizado). Isso é falado apenas no *setting* dos especialistas preocupados e suas instituições científicas e/ou nas ONG. Ocorre que, novamente *pari passu*, neste *setting* já está um paciente, e a partir de sua psicanálise será preciso que, antes, ela, a Terra, deixe de “sentir-se estranha, objeto de um mal-estar mágico”, e depois os progenitores de seus danos, que somos nós mesmos, encontremos capacidade, coragem e saúde para falar dos problemas, posto que falar é o primeiro ato do processo de cura, aquilo que necessita vir antes de qualquer outra terapêutica.

5. Pelas últimas linhas de *Substituição dos papéis na situação triangular pai-mãe-filho*, Dolto, novamente, enfatiza a importância de se falar e *dizer* a verdade a quem pode ouvir: “O ser humano somente pode superar a sua infância para encontrar a sua unidade dinâmica e sexual de pessoa social responsável libertando-se mediante um dizer a verdade a respeito de si mesmo a quem pode ouvir.” Eu também gostaria de enfatizar: a humanidade só superará a adolescência destrutiva em que se encontra para atingir sua maturidade sapiencial, amalgamando-se ao planeta para dele viver fazendo-o viver, libertando-se seja de sua arrogância tecnológica seja de sua obliteração narcísica mediante um *dizer* e um aceitar a verdade de si – e que deverá ser dito a si mesmo e por si mesmo entendido e aceito. Eis aí uma oportunidade ímpar para uma auto-análise, ao estilo e fibra do velho psicanalista de Viena...

Ainda naquelas últimas linhas Dolto afirma que tal dizer o instala, instala o homem “em sua estrutura de criatura humana verídica”, cuja imagem, o símbolo de uma *face* de ser responsável, se referencia ao *face-a-face* com seus progenitores e pelo nome que recebeu no nascimento.

Fica impossível que não se pense em Lévinas, na relação do eu com outrem, na face do outro. A face do outro é uma presença que ele me solicita sem mediação cognitiva, portanto é ética. Seria possível, pergunta Lévinas, a experiência de conhecer o outro sem a redução cartesiana do outro a si mesmo? A resposta é que só seria possível na experiência moral. Lévinas entende a moralidade como preliminar a todas as formas de conhecimento do outro. Essa radicalidade na posição em relação ao outro será o que Lévinas chamará de *face-a-face*. Diz ele que a superação do solipsismo só se dá na significação moral, a qual só pode vir da “posição” de um de-posto, desconstituído de si, podendo olhar o outro não a partir de uma experiência constitutiva. Lévinas entende que a busca tem que ser do outro, é radical, o eu tem que ficar face-a-face com o outro, abandonando sua situação subjetiva, conferindo ao outro uma significação moral e não cognitiva. Esse face-a-face é menos o que nós vemos do que aquilo que apreendemos do outro, não um olhar físico vendo o outro, mas percebê-lo pela subjetividade do olhar; por (inter)mediação da visão passar o outro para minha alma; não se trata de uma apreensão do outro, de seu rosto físico, mas do significado dele, da experiência dele, de sua alteridade. A face do outro não é objeto, como poderia ser seu rosto físico. Ela é metafórica, é a significação da alteridade: eu não vou ver o que o outro é, mas entrarei em contato com o que ele significa eticamente. Portanto, esse face-a-face é uma tentativa de escapar da ontologia. A significação corresponde à ética. O face-a-face é, então, uma alegoria da visão ética. Nele uma face assume a responsabilidade (sou eu) e a outra é a responsabilidade assumida (por mim). Qual é, pois, minha face para a face do Planeta Terra? Qual é a face dele que capto não cognitivamente por meu ser ontológico, mas eticamente, intuitivamente, por meu ser psíquico? O que e como eu posso *dizer* de minha história que me instale numa condição verídica dando minha face a ser vista? É esse meu exercício psicanalítico e é de tal ordem que eu mesmo precisarei treinar minha escuta, uma vez que o que a *face* do mundo me responderá ela o fará pelo vento, pelo ruído do mar, pelo canto das aves (que para regozijo da sensível Rachel Carson não estarão silenciosas!).

6. Em *O complexo de Édipo e sua resolução, patogenia ou profilaxia mental dos seus distúrbios* pincemos, inicialmente, a citação: “Todas as palavras neurotizantes vêm das mentiras que impedem os fatos reais de conter os frutos da aceitação, a partir da situação real.” O que é uma situação real e o que devemos aceitar? Devemos aceitar a chamada castração, que significa a impossibilidade de realizar o primeiro desejo – o de possuir a mãe ou o pai. Aceito, assumido, tal fato, a partir do imperativo do tabu do incesto, em que pese o fosso para sempre aberto e eternamente pulsante do desejo não realizado, podemos nos deslocar para o mundo exterior, exterior aos primeiros laços, os parentais, e alçar uma vida social com outros – o outro diferente de mim em ser e história –, o que tanto é uma

conquista da sobrevivência psíquica daquele indivíduo quanto é uma conquista da sobrevivência biológica de sua espécie. Ademais, ao aceitar um não de tamanha magnitude, renunciando a desejo tão único e incisivo, eu aprendo e estou preparado para outras perdas e renúncias que a vida me exigirá e que parecerão sempre menores, o fato com o qual abrimos este texto. Então para que serve o Édipo? Para libertar o menino e a menina do amor/desejo (erótico) pelos seus pais, condição, como antes aludido, de saúde mental, social e biológica. E esse tal amor/desejo antes do Édipo, para que serviu? Para garantia de sobrevivência biológica e psíquica. E *assim caminha a humanidade ou la nave va...*

Portanto, o que seria de se esperar e *desejar*, é que o complexo-vontade de Super Homem não pode passar de literatura ou de historinha, posto que somos limitados, padecemos de limites, não podemos tudo, não possuímos a onipotência e a remanescência de uma tal ilusão é algo da ordem do infantil, do não amadurecido, exatamente não amadurecido por conta de um Édipo mal resolvido. Como humanidade (a tal que caminha) assim parece que nos comportamos, como um adulto aprisionado num Édipo não resolvido e queremos exercer um poder total sobre a (mãe) natureza e – pasme-se – sobre nosso próprio futuro tangido por um cutelo chamado progresso ou progressismo. Mas afinal, o que é progresso? Nem somos nem seremos onipotentes nem oniscientes, temos e devemos assumir nossos limites, limites (bio) lógicos, morais e éticos: como filhos da Natureza não podemos nos tornar seus algozes, seus recriadores incoseqüentes, seja na apropriação absurda dos recursos naturais (absurda porque hoje quase que exclusivamente a serviço de um modo talvez supérfluo de viver), seja na manipulação genética, seja na manipulação do clima, seja na contaminação cósmica.

Mais para frente, ainda nesse tópico, já próximo ao final, lemos: “Muitas famílias vivem num estado de simbiose mórbida. Sem a psicanálise do membro indutor dominante, a neurose familiar não é modificável.” Dolto se refere ao fato de que, para que haja o sucesso pretendido na intervenção psicanalítica, não basta que se trate a criança que evidencia problemas ou perturbações, posto que ela pode representar tão somente um elo (o final em se tratando dela própria) de uma cadeia de eventos familiares neurotizantes que remonta não só a seus pais, mas a avós e bisavós, passando, às vezes, por irmãos e tios, numa sequência negativa de Édipos malfeitos. Portanto, o distúrbio (?) na criança seria apenas o diagnóstico imediato de causas mediatas que alcançam a gerações. Assim, é bastante oportuno que tal *membro indutor dominante* possa ser, ele também, psicanalizado. O mesmo se aplicaria, em escala de sociedades, para os governos e/ou as elites, posto que, no mais das vezes, é nesses segmentos que se detecta com clareza o epicentro irradiador das forças neurotizantes que acabam perpassando toda

a sociedade, como, por exemplo, a obsessão progressista, produtivista, consumista, a falsidade, o engodo, a usurpação.

7. Em *A sociedade (a escola), o seu papel educacional patogênico ou profilático* tem-se que, instantaneamente, concordar com Dolto na abertura da análise que faz: é muito provável que a escola de hoje (modelo cientificista e meramente informacional), sobretudo nos primeiros anos da escolaridade, mais desajude do que contribua para a formação de adultos saudáveis. O que mais se percebe é que a escola atual, aplicada às crianças ainda em seus primeiros anos de vida, tende a ser, somente isso, um regime para adaptação delas à vida que deverão praticar depois de crescidas, plenamente sincronizada ao regime vigente. A escola atual quer informar o intelecto antes de apoiar a formação do psíquico e intenta implantar na memória do aluno coleções de informações antes de estimular sua criatividade e seu questionamento. Não estamos a construir uma sociedade de pensantes, mas sim de operantes. E, por essa via, se a fábrica constrói indivíduos funcionais (será?), deixa de auxiliar na produção de indivíduos humanos. A escola, então, tende a engendrar (causa ou acentua) problemas psíquicos, dificultando a expressão do eu (exigência vital) e alienando-o a valores de rebanho. Ora, mas é isso mesmo que interessa ao Grande Sistema: interessa-lhe a contínua produção de multidões não-pensantes (não-críticas), ajustadas às suas regras e que guardem poder-necessidade de consumo, seja de itens de produção seja de comportamentos. Na medida em que a escola atual não promove a inserção social do aluno, pela não-expressão permitida/incentivada de seu eu, falseando “o sentido da verdade do sujeito em sociedade”, vamos correndo o risco cada vez maior de uma sociedade de desinteresse e de incapacidade total de percepção do outro, porque nem a mim mesmo pude um dia perceber e construir. Se não pude expressar minha linguagem (aquela que veicula meus desejos e minha criatividade) antes de ser forçado a internalizar a gramática de minha língua, parece restar que temos criado uma sociedade de mudos ainda que de falante psitacismo. Ademais, como na escola à criança não lhe é ensinado como ser escutada, ela pode aprender então que não escutar é a moda. Aí temos, portanto, uma nova categoria para o sapiens humano: a daqueles que são mudos que falam e não-surdos que não escutam.

E a batalha que travam as crianças que ainda resistem (as disléxicas, as discalculicas, as retardadas escolares, cujos pais “por angústia do ‘futuro’, querem impor a lepra dos deveres obrigados, das lições engolidas, vangloriam-se das boas colocações da criança, sentem-se deprimidos com as suas notas más), luta caracterizada por manifestações sintomáticas, que é o recurso que resta ao pequenino ou à pequenina, faz-me pensar exatamente no mesmo tipo de luta que hoje a criança Terra (criança porque não se trata mais, como já salientei, daquela Senhora Circumspecta e Longeva que um dia pariu a humanidade sua filha), produto da fecundação da Terra Mãe

pelo *Homo sapiens*, trava, exibindo-nos seus sintomas disléxicos (ela já perdeu a linguagem das estações), discalcúlicos (ela já tem dificuldades em calcular a temperatura de referência para cada estação) e de retardo escolar (sua graduação florestal, por exemplo, já está muito aquém de seu real potencial para isso).

Finalmente, perto da última página de seu portentoso Prefácio, Françoise Dolto nos traz uma reflexão que a mim é muito cara e incentivadora, e que tenho procurado colecionar de alguns psicanalistas pensadores que a compartilham. Ela diz:

*Se o papel do psicanalista é permitir a um sujeito neurótico ou doente mental encontrar o seu sentido, é também papel seu **dar um grito de alarme** diante da carência pública educacional, dos métodos e instituições escolares frequentemente patogênicos, em face das carências e do papel patogênico individuais de muitos pais do mundo dito civilizado. A civilização é um estado que só se mantém pelo valor de cada um de seus membros e pelo intercâmbio criativo entre eles. Não é necessário que o preço da civilização seja a existência de psicoses e neuroses devastadoras cada vez mais precoces. Um imenso trabalho de profilaxia mental deve organizar-se e isso não é função dos psicanalistas clínicos; **esse trabalho, porém, não pode organizar-se sem a nova luz que a Psicanálise traz para o mundo civilizado.** (Grifos meus.)*

Permito-me parafrasear a autora escrevendo: é também papel seu (do psicanalista) dar um grito de alarme diante da carência pública dos métodos e instituições ambientais, frequentemente patogênicos para o planeta e para a humanidade. Reeducar ambientalmente o ser humano é um trabalho que “não pode organizar-se sem a nova luz que a Psicanálise traz para o mundo civilizado”.

Para encerrar retornemos ao início do Prefácio de Dolto. Ela redige:

(...) A psicotécnica está hoje de tal forma difundida que não existe, por assim dizer, nenhuma criança das grandes cidades que, no curso da sua escolaridade, deixe de ser submetida a alguns testes individuais ou coletivos. Aplicam-se testes aos recrutas, aos empregados de grandes empresas; os jornais e revistas chegam ao ponto de oferecer aos seus leitores a possibilidade de fazer um juízo acerca de si mesmos por intermédio de uma série de testes padrões imprecisos, e que, com maior ou menor seriedade, difundiram entre o grande público noções de psicologia. E a Psicanálise?

Pois aí está: que bom seria se possível fosse um “teste” psicanalítico (jamais o confundindo ou assemelhando às demais psicotécnicas), que cada um precisasse responder ao nascer, aplicado a cada um de nós para conhecer

de suas reais e futuras aptidões (competências) para poder viver no Planeta Terra. Interessante (ou engraçado? – mas na verdade seria: que sem *graça!*) que fazemos teste para tudo, como se vê, porém, só não praticamos o mais essencial de todos, que é aquele para aferir qual o grau de preparo que possuímos para exercitar nossa vida no planetinha azul – afinal viver na Terra implica numa elevada dose de inteligência para tanto e numa competente capacidade de assumir castrações!

i Catálogo da exposição e *site*

<http://www.videobrasil.org.br/isaacjulien/#!sec=1>

ii BERGSON, Henry. *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência* (J. S. Gama, Trad.). Lisboa: Edições 70, 1988. [Obra nº 16 da Col. Textos Filosóficos.] (Original publicado em 1889: *Essais sur les données immédiates de la conscience*, 1889.)

iii DOLTO, Françoise. Prefácio. In: MANNONI, Maud. *A primeira entrevista em Psicanálise*. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004. 118 p.

iv BACHELARD, Gaston. *O novo espírito científico*. Lisboa: Edições 70, 1996.

v LÉVINAS, Emmanuel. *Entre nós - ensaios sobre a alteridade*. São Paulo: Ed. Vozes, 2ª. ed., 2005. 271 p.; e LÉVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito*. Lisboa: Edições 70, 2011. 310 p.